

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL - DADIN
ESPECIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS VISUAIS**

JOÃO VITOR MIGUEL

A TELA DIVIDIDA NA OBRA DE SANDRA KOGUT

CURITIBA

2019

JOÃO VITOR MIGUEL

A TELA DIVIDIDA NA OBRA DE SANDRA KOGUT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientação:

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Martha Silveira

CURITIBA

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO**JOÃO VITOR MIGUEL****A TELA DIVIDIDA NA OBRA DE SANDRA KOGUT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Data de aprovação: 21/04/2020

Simone Landal, Me.

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Ismael Scheffler, Dr.

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Luciana Martha Silveira, Dra.

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO

O presente trabalho promove uma reflexão sobre como a divisão da tela em quadros menores, ou “janelas”, favorece a narrativa na obra de Sandra Kogut, cineasta e videoartista brasileira. Para isso, utiliza como objeto de análise sua obra *Parabolic People*, na qual a artista trabalha com recortes de pessoas que se movimentam pela tela em sincronia com o som e com outras imagens, bem como o trailer de sua obra mais recente *Três Verões*, filme já reconhecido e premiado internacionalmente antes mesmo de seu lançamento no Brasil, que também apresenta exemplos da divisão da tela em favor da narrativa.

Palavras-chave: Tela. Janelas. Narrativa. Sandra Kogut.

ABSTRACT

The present work promotes a reflection on how the division of the screen into smaller pictures, or “windows”, favors the narrative in the work of Sandra Kogut, brazilian filmmaker and video artist. For that, it analyzes her work *Parabolic People*, in which she works with clippings of people that move around within the screen in sync with sound and other images, as well as trailer for her most recent work *Three Summers*, an already recognized and awarded film even before its launch in Brazil, which also presents examples of the division of the screen in favor of narrative.

Key words: Screen. Windows. Narrative. Sandra Kogut.

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 A OBRA DE SANDRA KOGUT	9
3 A TELA E A IMAGEM	10
4 A TELA DIVIDIDA EM PARABOLIC PEOPLE	11
5 A TELA DIVIDIDA EM TRÊS VERÕES	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

Há tempos estamos rodeados por telas, de tamanhos e funções diferentes, e em constante mudança. À medida que emergem novos padrões de telas, surgem também novas maneiras de se elaborar narrativas. Por isso, paralelamente a essa mudança, muda também a linguagem do vídeo, que apesar de herdar elementos do cinema e da televisão, possui características que o colocam em uma categoria separada, como, por exemplo, o experimentalismo¹. Arlindo Machado (1997) comenta sobre isso:

Mais recentemente, com a generalização da procura de uma “linguagem” específica, o vídeo deixa de ser concebido e praticado apenas como uma forma de registro ou de documentação, nos sentidos mais inocentes do termo, para ser encarado como um sistema de expressão pelo qual é possível forjar discursos sobre o real (e sobre o irreal) (MACHADO, 1997).

Sandra Kogut conquistou notoriedade principalmente por sua obra *Parabolic People*. Devido ao seu caráter experimental, a obra contribuiu muito com a compreensão da linguagem do vídeo. Dentre as técnicas utilizadas na obra, talvez a mais evidente seja a divisão da tela em janelas, responsáveis por conectar entre si os elementos mostrados.

A tela dividida também está presente em outras obras da artista, em contextos e com objetivos diferentes. *Três Verões* é uma obra cinematográfica dirigida por Sandra Kogut. Ao também fazer uso da divisão da tela, levanta questões interessantes a respeito do diálogo entre o cinema e o vídeo, bem como da convergência entre as duas linguagens. Machado (1997) afirma que o cinema está cada vez mais próximo de incorporar o vídeo, através, entre outras coisas, do instrumentalismo da imagem eletrônica. No entanto, há diferença entre não só essas duas linguagens, mas entre elas e a linguagem da televisão. Esse tema mostra-se

¹ Define-se aqui como “experimentalismo” a exploração de novas formas de se trabalhar sobre uma determinada linguagem, como forma de quebrar padrões. No caso da linguagem audiovisual, por exemplo, a proporção da tela é uma característica técnica que gera padrões de captação e exibição de imagens. Quando a tela é dividida, no entanto, tais padrões são desafiados.

especialmente relevante em tempos em que a maior parte do conteúdo audiovisual é visualizado em telas de *smartphones*.

Este trabalho pretende localizar casos do uso da tela dividida na obra de Sandra Kogut, bem como identificar qual é o potencial narrativo desse recurso em cada contexto. Para tanto, divide-se o texto em 6 itens. No segundo, será feita uma apresentação biográfica da artista Sandra Kogut, bem como uma contextualização das obras que posteriormente serão utilizadas como objeto de estudo. No terceiro, será estabelecida a importância das dimensões da tela em relação à narrativa das imagens exibidas. No quarto e quinto itens, serão apresentados exemplos de como a tela dividida é utilizada como elemento narrativo nas obras *Parabolic People* e *Três Verões*, respectivamente. Por fim, no sexto item, serão apresentadas as considerações finais provenientes da reflexão proposta no texto.

2 A OBRA DE SANDRA KOGUT

Sandra Kogut é uma cineasta e videoartista brasileira. Suas obras mais reconhecidas fogem do padrão de construção de narrativas com imagens, e possuem caráter quase experimental. Dentre essas obras, destaca-se a série televisiva *Parabolic People*, concebida a partir de depoimentos captados pela artista através de cabines instaladas em Moscou, Tóquio, Paris, Rio de Janeiro, Nova York e Dacar. As imagens captadas são exibidas através de recortes dentro da tela, desordenadamente e de modo a sugerir diálogos entre pessoas, imagens, textos e situações. Produzida na França em 1990, é a obra de maior reconhecimento da artista.

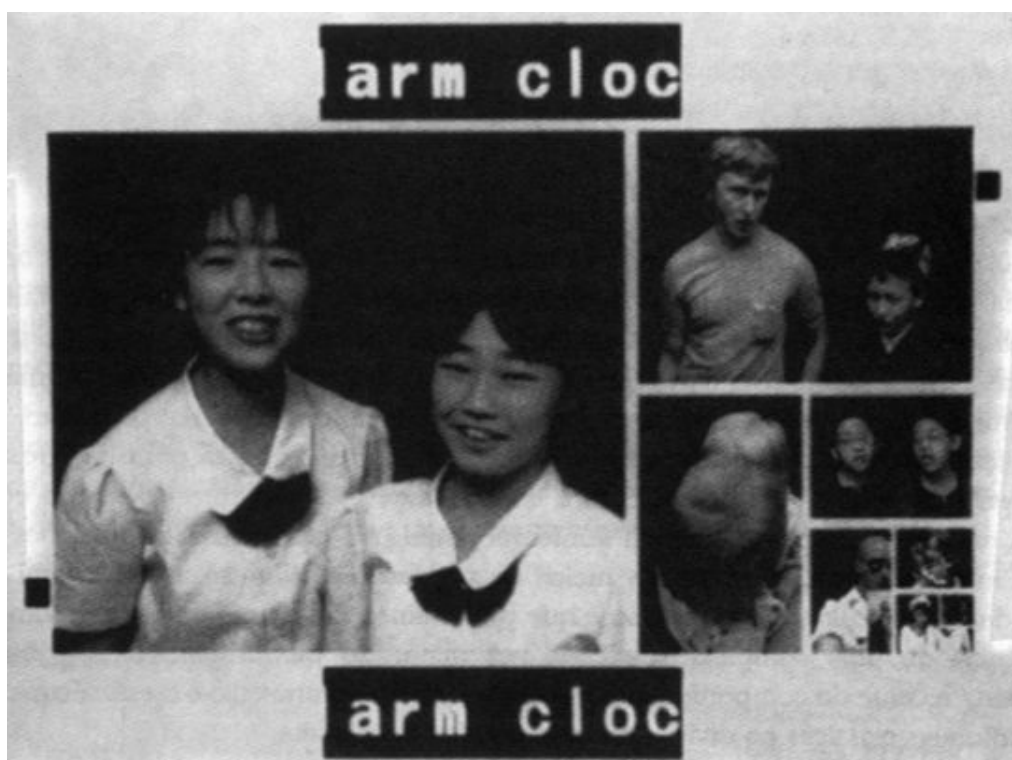


Figura 1 - Um dos quadros de *Parabolic People*, de Sandra Kogut. Fonte: MACHADO, 1997.

Já em sua obra mais recente, o filme *Três Verões*, Sandra Kogut, que atua como diretora, distancia-se da videoarte e vai para o âmbito do cinema. O filme conta a história de uma empregada doméstica cujos patrões são presos.



Figura 2 - Imagem de divulgação do filme Três Verões. Fonte: Vitrine Filmes.

3 A TELA E A IMAGEM

A tela nada mais é do que o espaço no qual o vídeo será exibido, e serve como base para a aplicação de muitos elementos da cinematografia e narrativa audiovisual. Por exemplo, diferentes padrões de tela exigem diferentes modos de pensar e executar o processo de produção de um filme como um todo, e, portanto, ocasionam diferentes linguagens.

O primeiro padrão de proporção de tela de cinema de que se tem conhecimento é o 4:3, baseado nas dimensões das películas de filmes projetados em Cinetoscópios, em meados de 1891. Com o tempo, adaptações tiveram que ser feitas para incluir faixas de áudio na película, o que ocasionou um novo padrão. No entanto, o 4:3 acabou sendo adotado posteriormente como padrão universal para a televisão, plataforma na qual permaneceu até meados dos anos 2000 e, até então, serviu como base para a produção de obras televisivas, como, por exemplo, *Parabolic People*.

A influência das dimensões da tela na narrativa da obra não é tão grande quanto a linguagem que provém dos seus meios de produção. No entanto, no caso do audiovisual, os meios de produção costumam seguir os meios de exibição. Todo vídeo será exibido em uma tela e, portanto, deverá seguir suas diretrizes. Deste

modo, as telas fazem parte do sistema de produção das imagens, ou “caixas pretas”, segundo Flusser (1985), pois é através delas que se obtém o *output* final.

[...] o complexo “aparelho-operador” é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é caixa preta e o que se vê é apenas input e output. Quem vê input e output vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta (FLUSSER, 1985).

As dimensões e características técnicas da tela que exhibe um vídeo já possuem, por si só, o potencial de contribuir com a percepção do espectador. Conforme afirma Arlindo Machado (1997), desde o início da transição entre processos analógicos e processos digitais, vários sistemas tentam se impor como padrão universal. Com isso, diferentes padrões de tela podem ser associados a diferentes contextos de produção e reprodução. Estes contextos, por sua vez, podem remeter a diferentes tecnologias, culturas ou períodos de tempo. Por exemplo: uma imagem com proporção de tela de 4:3 pode remeter à televisão ocidental dos anos 1990, enquanto uma imagem de proporção vertical, 9:16, pode remeter aos *smartphones* atuais.

Além dessas características gerais, dividir a tela em “janelas” menores — subdivisões da tela dentro dos limites máximos determinados pela resolução — também possui potencial narrativo, pois aumenta consideravelmente a quantidade de possíveis informações que poderão ser exibidas. Isso traz um novo nível de complexidade e, conseqüentemente, interatividade ao espectador, que passa a ter maior poder de escolha.

4 A TELA DIVIDIDA EM PARABOLIC PEOPLE

Em *Parabolic People* (Figura 2), Sandra Kogut não somente compõe a imagem com janelas, mas também estabelece conexões entre elas. Conforme afirma Machado (1997), a tela se torna “um espaço híbrido de múltiplas imagens, múltiplas vozes e múltiplos textos”. Representa-se, nesse caso, aquilo que o autor chama de multiplicidade.

Os elementos adicionados na edição do vídeo contribuem com a narrativa das janelas simultâneas. Sons e textos guiam as imagens que atravessam a tela de forma sincronizada. Trata-se de um plano muito bem executado de captação e pós-produção, que muito se assemelha à montagem “polifônica” sugerida por Eisenstein (2002), porém no contexto do cinema.

[...] montagem *polifônica*, na qual um plano é ligado ao outro não apenas através de uma indicação - de movimento, valores de iluminação, pausa na exposição do enredo, ou algo semelhante -, mas através de um *avanço simultâneo* de uma série múltipla de linhas, cada qual mantendo um curso de composição independente e cada qual contribuindo para o curso de composição total da sequência (EISENSTEIN, 2002).



Figura 3 - Um dos quadros de *Parabolic People*, de Sandra Kogut. Fonte: YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=m8UR1bN9zmM>

Cada nova imagem introduzida à tela traz uma nova camada de significado à narrativa, e aumenta a quantidade de conexões possíveis. Conforme afirma Machado (1997):

Toda essa simultaneidade, essa multiplicidade e essa velocidade com que os elementos audiovisuais são processados na tela podem dar a impressão, sobretudo a um

espectador mais afinado com os planos limpos, unívocos e contemplativos do cinema convencional, de uma certa frivolidade ou de uma certa superficialidade, numa palavra, algo assim como uma irresponsabilidade, nada mais, enfim, do que um jogo de pirotécnica com as possibilidades de intervenção das máquinas (MACHADO, 1997).

5 A TELA DIVIDIDA EM TRÊS VERÕES

Em *Três Verões* (Figura 3), o recurso da tela dividida é mais sutil. Aqui, já não se trata mais da linguagem da videoarte, mas sim do cinema. As divisões do quadro representam um contexto real, fácil de se identificar. Ainda assim, desafia o espectador a encontrar o ponto de foco da narrativa, que não é tão óbvio quanto seria se a diretora tivesse escolhido mostrar apenas uma janela.



Figura 4 - Cena de *Três Verões*, de Sandra Kogut. Fonte: Adorocinema. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-276447/>

Outra variação da janela dentro da tela é quando há outra tela representada. Tal aplicação também pode ser encontrada em *Três Verões*.

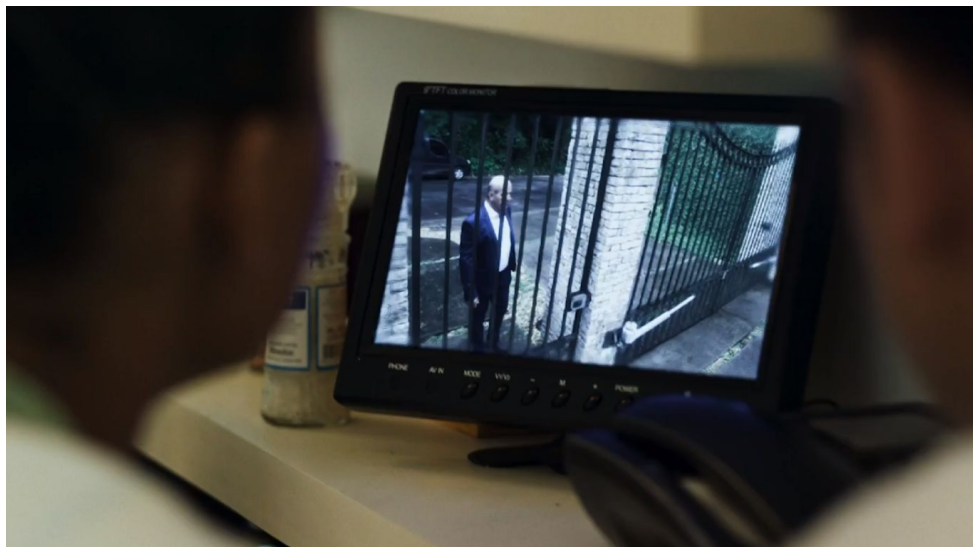


Figura 5 - Cena de Três Verões, de Sandra Kogut. Fonte: G1.

No exemplo (Figura 5), a escolha por mostrar a tela do monitor ao invés de apenas a imagem da câmera de segurança pode representar uma intenção de trazer mais realismo à cena, pois fica mais fácil entender e, portanto, identificar-se com o seu contexto. Além disso, reforça a mensagem do plano anterior (Figura 4).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão encontrada neste trabalho levanta alguns questionamentos. Por exemplo, a respeito da linguagem do vídeo e sua relação com a técnica. Mais especificamente, é quase inevitável imaginar o que seria de uma obra como *Parabolic People* caso os recursos à disposição da artista em sua concepção fossem os mesmos que se tem hoje. Quanto da linguagem provém da técnica e das limitações da ferramenta, em contraposição à visão da artista?

A resposta parece estar em ambos. Quando o artista se submete apenas às possibilidades impostas pelo aparato técnico, sua essência dificilmente irá transparecer na sua obra. É a partir da intervenção da subjetividade do artista sobre a lógica do aparato técnico que se dá a criação de novas linguagens.

Também tornaram-se evidentes alguns elementos em comum na obra de Sandra Kogut, que podem representar sua linguagem como artista. Por exemplo, o uso das janelas dentro do quadro geralmente estabelece conexões entre personagens ou situações cotidianas, o que parece demonstrar uma preocupação da artista com representar de forma poética aquilo que normalmente passaria despercebido.

REFERÊNCIAS

EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. São Paulo: Hucitec, 1985.

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas: Papyrus, 1997.

MACHADO, Arlindo. "Repensando Flusser e as Imagens Técnicas", in Lúcia Leão (org.), Interlab – Labirintos do Pensamento Contemporâneo, São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 147-156.